

ACERCA DA EDUCAÇÃO NAS *REFLEXÕES SOBRE LITTLE ROCK*, DE HANNAH ARENDT

About education in Reflections on Little Rock, by Hannah Arendt,

Vanessa Sievers de Almeida¹

RESUMO:

O tema da educação é abordado por Hannah Arendt pela primeira vez em seu artigo *Reflexões sobre Little Rock*, escrito em 1957, após os tumultos nessa cidade do Arkansas, EUA, quando nove adolescentes negros começaram a frequentar a *Central High School*, até então uma escola apenas para brancos. O artigo de Arendt foi criticado por diversas vozes, e a autora reconsiderou suas afirmações sobre o papel da educação em seu ensaio *A crise na educação*. Este foi publicado pela primeira vez em 1958, antes ainda da publicação do texto sobre Little Rock, que somente ocorreu em 1959. O meu artigo enfoca o tema da educação nas *Reflexões sobre Little Rock*. Sem pretensão de abordar toda a complexidade do artigo e da discussão que suscitou, reconsidero o texto sob quatro perspectivas. Inicialmente, enfoco os acontecimentos históricos, inclusive os relatos posteriores de três dos nove estudantes. Em seguida, realizo uma avaliação crítica da argumentação de Arendt, reservando uma seção própria à crítica do escritor Ralph Ellison e a resposta de Arendt a ela. Finalmente, destaco continuidades e rupturas entre o artigo sobre Little Rock e o ensaio *A crise na educação*, em especial, no que diz respeito à relevância da educação para o mundo e sua relação com a política.

Palavras-chave: Hannah Arendt; educação; política; *Reflexões sobre Little Rock*; Ralph Ellison.

ABSTRACT:

The issue of education is addressed by Hannah Arendt for the first time in her article *Reflections on Little Rock*, written in 1957, after the riots in this Arkansas town, USA, when nine black teenagers began to attend Central High School, until then a white-only school. Arendt's article was criticized by several voices, and the author reconsidered her statements about the role of education in her essay *The crisis in education*. This was published for the first time in 1958, even before the publication of the text on Little Rock, which only occurred in 1959. My article focuses on the theme of education in *Reflections on Little Rock*. Without intending to approach all the complexity of the article and the discussion it provoked, I reconsider the text from four perspectives. Initially, I focus on historical events, including the later accounts of three of the nine students. Then, I carry out a critical evaluation of Arendt's argument, reserving a section dedicated to the criticism of the writer Ralph Ellison and Arendt's response to it. Finally, I highlight continuities and ruptures between the article on Little Rock and the essay *The crisis in education*, especially regarding to the relevance of education for the world and its relationship with politics.

Keywords: Hannah Arendt; education; politics; *Reflections on Little Rock*; Ralph Ellison.

¹ Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Não compartilho da opinião segundo a qual., depois que se está convencido de alguma coisa, não se pode duvidar dela. [...] Nosso espírito tem uma aversão natural a isso.

Immanuel Kant *apud* Hannah Arendt

Suas observações me parecem tão inteiramente corretas, que agora vejo que simplesmente não entendi as complexidades da situação.

Carta de Hannah Arendt a Ralph Ellison

INTRODUÇÃO

Em 2022, recebi um convite para falar sobre o texto *Reflexões sobre Little Rock*, de Hannah Arendt.² Como estudiosa da obra da filósofa, cujo pensamento até hoje exerce um fascínio sobre mim, pouco tinha me dedicado a esse texto controverso e incômodo. Então, o convite me fez retomar o artigo de Arendt. Nisso, descobri vários materiais, em especial audiovisuais com entrevistas e depoimentos dos nove estudantes negros que estão no centro dos acontecimentos em Little Rock, mas também de outras pessoas envolvidas, que foram publicados nos últimos anos. Fui ler relatos pessoais, jornalísticos e de historiadores para aprender sobre a verdade dos fatos, ouvir opiniões diversas e saber mais sobre a experiência dos envolvidos nos acontecimentos em Little Rock.

Também me aproximei de virtudes e limites da grande pensadora Hannah Arendt, que uma vez exclamou: “Qual é o objeto de nosso pensar? A experiência! Nada mais!”³. Seu texto sobre Little Rock é movido, em especial, pela experiência da menina negra perseguida pela turba branca, cuja foto foi publicada nos jornais dos Estados Unidos e em outros lugares do mundo. O artigo foi escrito com o engajamento e a perspicácia que são próprias do pensamento de Arendt, abrindo novas perspectivas para o debate, mas também resultando em posicionamentos questionáveis e, em alguns pontos, inaceitáveis.

A própria história da publicação do artigo *Reflexões sobre Little Rock* foi polêmica. O artigo foi publicado em 1959 na revista *Dissent*⁴, mas as controvérsias começaram antes. Young-Bruehl⁵ relata que, em outubro de 1957, a revista *Commentary* pediu a Arendt um artigo sobre os acontecimentos em Little Rock, mas quando ela enviou o texto, os editores não concordaram com seus posicionamentos. Nas semanas seguintes, houve uma troca de cartas entre Arendt e diferentes editores da revista⁶. Primeiramente, a publicação foi adiada, depois confirmada com a condição de

² O convite foi do Grupo de Estudo em Política, Educação e Ética da Universidade Estadual Vale do Acaraú que, em conjunto com a Universidade Estadual do Piauí, estava realizando os encontros virtuais “*Filosofia de Segunda*.”

³ ARENDT, Hannah. De la historia a la acción. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 145.

⁴ ARENDT, Hannah. Reflections on Little Rock. In: *Dissent* 6/1 (Winter 1959), p. 45-56. (Também adquirível em <https://www.dissentmagazine.org/issue/winter-1959>). Acesso em: 22/07/2023).

⁵ YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. *Hannah Arendt: Leben Werk und Zeit*. 3. Aufl. Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 2013.

⁶ *HANNAH ARENDT PAPERS: Correspondence, 1938-1976*, Library of Congress, Washington. Disponível em: <https://www.loc.gov/search/?fa=partof:hannah+arendt+papers:+correspondence,+1938-1976>. Acesso em: 22 jul. 2023.

publicar uma réplica de Sidney Hook. No entanto, em janeiro de 1958, os editores novamente ponderaram adiar a publicação, e Arendt, indignada, enviou uma carta, comunicando a retirada de seu artigo. Meses depois, em setembro de 1958, a revista *Dissent* manifestou interesse no artigo que, então, foi publicado no início de 1959. O texto é antecedido por um comentário dos editores⁷, que diz: “Publicamos o artigo não porque concordamos com ele – muito pelo contrário! – mas porque acreditamos em liberdade de expressão, mesmo para pontos de vista que nos parecem totalmente equivocados”⁸. Também Hannah Arendt insere um breve texto com título *Observações preliminares*⁹, anteposto ao artigo. Nele, explica que o artigo foi escrito em 1957 e que, mesmo não mais sendo atual, ela concordou em publicar o artigo da forma original – não porque ele daria conta ou faria justiça a problemas complexos, mas “na esperança de que mesmo uma tentativa inadequada possa ajudar a quebrar a rotina perigosa em que a discussão desses assuntos (segregação e discriminação) se mantém de ambos os lados”¹⁰.

Hannah Arendt mesma, portanto, avaliava que o artigo tinha fragilidades. No entanto, pensava ser mais importante trazer novas perspectivas e ângulos diversos para uma discussão com posições enrijecidas ou já preestabelecidas, de modo a perder a possibilidade de uma discussão plural.

No tempo que se seguiu à polêmica, a autora retomou e aprofundou suas reflexões sobre o tema da educação, o que resultou na publicação do ensaio *A crise na educação*¹¹. Ela também repensou seu julgamento sobre a atitude dos pais negros e do movimento negro. Isso, no entanto, ela comunica apenas em uma carta privada ao escritor Ralph Ellison.

Neste artigo, proponho-me a fazer um exercício de pensamento crítico, tendo como foco o tema da educação no artigo *Reflexões sobre Little Rock*, o qual é, contudo, permeado pelos temas do racismo e da segregação. Detenho-me em alguns pontos, sem a intenção de dar conta de todos os assuntos abordados por Arendt no decorrer do seu artigo, e muito menos com a pretensão de chegar a um julgamento definitivo sobre qualquer um deles. Em meio a temas bastante complexos e que ainda se ramificaram por várias vias, busco apenas ganhar clareza sobre alguns argumentos de Arendt e, em seguida, compreender em que medida ela se pôs a repensar suas afirmações. De antemão, quero deixar claro que, da minha parte, não aceito ou justifico o artigo em sua inteireza, mas tampouco rejeito a totalidade dos argumentos. Talvez, o que mais me incomoda seja uma certa presunção de Arendt.

Divido minhas considerações em quatro partes. Inicialmente, enfoco os acontecimentos históricos, inclusive os relatos posteriores de três dos nove estudantes. Em seguida, explico e

⁷ Esse comentário somente consta na edição impressa da época.

⁸ EDITORES da *Dissent* 6/1 (Winter 1959), p. 45.

⁹ Estas observações não integram a publicação do texto, em português, no livro *Responsabilidade e julgamento* (ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.).

¹⁰ ARENDT, Hannah. Reflections on Little Rock. In: *Dissent* 6/1 (Winter 1959), p. 45, trad. minha.

¹¹ ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 221-247.

discuto alguns argumentos de Arendt, em especial no que diz respeito à sua abordagem da educação escolar. Depois, detenho-me na crítica do escritor Ralph Ellison e na reação de Arendt a ela, e finalmente destaco continuidades e rupturas entre o artigo sobre Little Rock e o ensaio *A crise na educação*, no que diz respeito à relevância da educação para o mundo e sua relação com a política.

OS ACONTECIMENTOS EM LITTLE ROCK

Quando, em 1957, nove alunos negros foram frequentar a *Central High School*¹² de Little Rock, que até então era reservada somente a estudantes brancos, a capital do Arkansas tornou-se cenário de uma explosão de ódio racista e de tumultos, causados por uma multidão de habitantes brancos. Esses acontecimentos foram fotografados, filmados e noticiados na imprensa e na televisão.

Uma foto, em especial, chamou a atenção do público. A imagem mostra uma das estudantes negras – Elizabeth Eckford – que em determinado momento se encontra sozinha, isto é, separada de seus colegas negros e exposta à turba branca enfurecida. Hannah Arendt viu a foto nos jornais e a cena deixou-a indignada.

Acho que ninguém vai achar fácil esquecer a fotografia reproduzida nos jornais e nas revistas em todo o país, mostrando uma menina negra, acompanhada por um amigo branco de seu pai, saindo da escola, perseguida e seguida numa proximidade corporal por uma turba de jovens a zombar de fazer caretas.¹³

Os acontecimentos de 1957 são antecidos por uma sentença da Suprema Corte, que foi um marco na luta do movimento por direitos civis. Em 1954, a corte tinha decidido que a educação escolar segregada era inconstitucional. A sentença, contudo, pouco tinha mudado na situação, de fato, nas escolas nos estados do Sul (e de modo geral, também no Norte), que mantiveram a educação segregada.

O racismo e a segregação tinham uma longa história nos Estados Unidos da América (EUA). A Guerra Civil (1861-1865) e a proibição da escravidão em 1865 em todo o território dos EUA não haviam trazido uma igualdade de fato. Entre outros fatores, destacam-se as Leis *Jim Crow*, promulgadas na década de 1870, que mantinham a segregação e a desigualdade econômica, social e política entre brancos e negros no Sul.

O termo “Jim Crow”, nascido de uma música popular, referia-se a toda lei (foram dezenas) que seguisse o princípio “separados, mas iguais”, estabelecendo afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurantes, teatros, entre outros. Em 1885, a maior parte das

¹² Com algumas diferenças, a *high school* nos Estados Unidos equivale ao Ensino Médio no Brasil.

¹³ ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 271.

escolas sulistas também foram divididas em instituições para brancos e outras para negros.¹⁴

Entre os defensores da segregação, os grupos mais extremos eram os supremacistas brancos, que queriam eliminar o que consideravam as raças inferiores. Entre eles, o mais conhecido é a Ku Klux Klan (KKK), criada em Nashville, em 1867. Os grupos supremacistas, ativos até hoje, espalhavam o terror e cometeram inúmeros linchamentos.

Em 1909 foi fundada a Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (NAACP em inglês). Entre seus fundadores estava o ativista e intelectual afro-americano W.E.B. DuBois, que queria “o início imediato de uma luta por direitos civis plenos e contra a discriminação racial na educação, nos serviços públicos e no mundo do trabalho”¹⁵. Mas foi nos anos de 1950 e 1960 que o movimento por direitos civis ganhou força. O evento mais conhecido talvez seja a marcha de Washington de 1963, que culminou com o famoso discurso de Martin Luther King, *Eu tenho um sonho*. No contexto desse movimento, inserem-se os acontecimentos em Little Rock.

No Arkansas e nos outros estados do Sul, na década de 1950, as leis *Jim Crow* continuavam em vigor. No âmbito político, apesar de a constituição proibir “a discriminação do sufrágio por motivo de ‘raça, cor, ou anterior condição de servidão’”¹⁶, o direito ao voto era negado à maioria da população negra por meio de diversos dispositivos. Assim, era comum exigir-se testes de conhecimento ou de moral, ou condicionar o registro de eleitor à comprovação de propriedade. Havia também a “cláusula do avô”, segunda a qual somente podia votar aquela pessoa cujo avô já havia votado, o que negava o sufrágio aos descendentes de escravizados.

Em Little Rock, o NAACP decidiu atuar contra a segregação nas escolas. Segundo o relato de Carlotta Walls LaNier¹⁷, uma dos nove estudantes negros de Little Rock, a NAACP consultou estudantes adolescentes sobre seu desejo de frequentar a renomada *Central High School* vários meses antes do início do ano escolar. Dos 139 estudantes que manifestaram interesse, nove adolescentes entre 15 e 17 anos foram efetivamente matriculados no ano de 1957. São eles Jean Brown Trickey, Carlotta Walls LaNier, Melba Patillo Beals, Terrence Roberts, Gloria Ray Karlmark, Thelma Mothershed Wair, Ernest Green, Elizabeth Eckford e Jefferson Thomas.

No dia 4 de setembro de 1957, o primeiro dia de aula, houve uma multidão de pessoas ao redor da escola, e o governador Orval Faubus, contrário à integração, ordenou à Guarda Nacional do Arkansas barrar a entrada dos estudantes negros. Nas três semanas seguintes, ocorreram negociações e litígios, até a justiça decidir que o governador não podia impedir os estudantes de

¹⁴ FERNANDES, Luiz Estevam/MORAIS, Marcos Vinícius. Os EUA no Século XIX. In: KARNAL, Leandro et. al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 145.

¹⁵ PURDY, Sean. O século americano. In: KARNAL, Leandro et. al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 183.

¹⁶ FERNANDES, Luiz Estevam/MORAIS, Marcos Vinícius. Os EUA no Século XIX. In: KARNAL, Leandro et. al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 144.

¹⁷ Voices of the Civil Rights Movement. Carlotta Walls LaNier of the Little Rock Nine. YouTube. 22.02.2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sLN-UhAjzGQ&ab_channel=VoicesoftheCivilRightsMovement. Acesso em: 06 jul. 2023.

frequentar a escola.¹⁸ Assim, no dia 23 de setembro, os nove entraram no prédio escolar, apesar de ele estar novamente circundado por uma multidão enfurecida. Contudo, depois da terceira aula, foram obrigados a abandonar a escola porque havia apenas 17 policiais locais para protegê-los, o que não era suficiente, considerando a turba que ameaçava invadir as instalações escolares.

Com a escalção do conflito, o presidente Dwight D. Eisenhower decidiu intervir no Arkansas, colocando a Guarda do Estado sob comando federal e enviando uma tropa do exército – a *101st Airborne Division*, famosa por sua atuação na Segunda Guerra Mundial.¹⁹ Dessa forma, a partir do dia 25 de setembro, os nove passaram a frequentar a escola, protegidos pelo exército.

A foto que leva Hannah Arendt a escrever seu artigo mostra a estudante Elizabeth Eckford no dia 4 de setembro. Essa imagem, embora talvez uma das mais conhecidas, é uma entre outras publicadas na época, que mostravam um verdadeiro cenário de guerra. O pequeno grupo de nove estudantes era levado em carros do exército para a escola e escoltado por soldados armados. O prédio escolar era circundado pelo exército e, no alto, circulavam helicópteros. Ao redor, via-se a turba gritando, pendurando bonecos enforcados em árvores, exibindo até cartazes da KKK. A desproporção impressiona, porque são nove crianças diante de uma massa enraivecida. Pelos próximos meses, o exército federal acompanhou não só a entrada e saída da escola, mas cada estudante negro era acompanhado individualmente também dentro do prédio escolar, pois se temia pela vida dos estudantes.

Hoje, esses nove estudantes negros são conhecidos como *Little Rock Nine* e admirados como heróis. Em 1998, receberam a medalha de ouro do congresso, entregue pelo presidente Bill Clinton²⁰. Atualmente também há inúmeras documentações e discussões sobre a história dos acontecimentos em Little Rock. Décadas depois, inclusive existem relatos, depoimentos e entrevistas com os antigos estudantes. No que segue, destaco alguns pontos, sobretudo dos depoimentos e relatos de Ernest Green, Carlotta Walls LaNier e de Elizabeth Eckford.

Todos contam que a violência não se manteve fora dos muros da escola. O dia a dia foi marcado pela perseguição, humilhações, agressões físicas e verbais. Green²¹ relata que eles eram apenas nove estudantes negros e havia mais de dois mil estudantes brancos. Existia um grupo de

¹⁸ Voices of the Civil Rights Movement. Carlotta Walls LaNier of the Little Rock Nine. YouTube. 22.02.2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sLN-UhAjzGQ&ab_channel=VoicesoftheCivilRightsMovement. Acesso em: 06 jul. 2023, trad. minha.

¹⁹ History. How the Little Rock 9 Impacted the Civil Rights Movement. 06.06.2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S0Dn3tOmyKk&ab_channel=HISTORY. Acesso em: 10 jul. 2023.

²⁰ Em texto oficial do Congresso estadunidense, lê-se: “[...] the “Little Rock Nine”, voluntarily subjected themselves to the bitter stinging pains of racial bigotry. (B) The Little Rock Nine are civil rights pioneers whose selfless acts considerably advanced the civil rights debate in this country. (C) The Little Rock Nine risked their lives to integrate Central High School in Little Rock, Arkansas, and subsequently the Nation. (D) The Little Rock Nine sacrificed their innocence to protect the American principle that we are all “one Nation, under God, indivisible”. (E) The Little Rock Nine have indelibly left their mark on the history of the Nation. (F) The Little Rock Nine have continued to work toward equality for all Americans.” (UNITED STATES OF AMERICA, Public Law105–277—oct. 21, 1998).

²¹ Chicago Humanities Festival. Ernest Green: Civil Rights. Youtube. 04.02.2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MscRIwGU1aU&ab_channel=ChicagoHumanitiesFestival. Acesso em: 10 jul. 2023, trad. minha.

estudantes cujo objetivo principal era o de agredir os estudantes negros até que desistissem da escola. LaNier diz que “continuava esperando que seria diferente quando os estudantes e a faculdade teriam a oportunidade de me conhecer, mas a diferença que esperava não veio nunca”²². Também Eckford relata sobre o medo que tinha de andar pelos corredores da escola, sobre as agressões que vinham de trás, de modo que não podia identificar os agressores. “Eu tinha que tomar uma decisão todo dia, de voltar àquele buraco do inferno (*hellhole*) [e], depois de um tempo, eu sabia o que eu estaria encarando [na escola]”.²³

Os adolescentes tiveram o apoio do NAACP e dos seus pais, mas a violência não tinha limites. Atos de ódio atingiam, além dos estudantes e suas famílias, também a população negra da cidade inteira. Ernest Green relata como ficou afetado pela fala de um vizinho que o acusava – a ele e aos outros oito estudantes – de causar dificuldades para todos os negros da comunidade, expostos à exacerbação da violência racista. Carlotta LaNier conta que, no seu último ano na escola, uma bomba foi jogada na sua casa. A polícia, em um ato evidentemente racista, acusou seu pai, alegando que ele não estava em casa naquele momento. Foi terrível para a adolescente ver seu pai preso e não ter notícias dele por alguns dias. Depois, condenou-se um adolescente vizinho pelo crime. Apesar de ser inocente, esse menino sofreu uma pena de prisão de dois anos. Os sofrimentos foram tantos que a estudante, depois de se formar, saiu da cidade e queria esquecer seu passado. Ela continuou sua formação em outras cidades e durante décadas não falou a ninguém sobre seu passado, sequer para seu marido ou para seus filhos. Também Eckford relata que adoeceu, com depressão, e que até hoje se assusta com determinados ruídos; enfim, sofreu e ainda sofre com estresse pós-traumático. Somente depois de décadas começou a falar sobre o ocorrido. De modo geral, todos os nove demoraram mais de trinta anos para falar em público sobre os acontecimentos.

Contudo, eles também ressaltam que foi por vontade própria que permaneceram na escola. Eckford, perguntada pelo repórter, se a vida pessoal dela foi sacrificada por um bem maior, responde que foi um “autossacrifício”²⁴. Green conta que foi “desconvidado” a participar da formatura, mas fez questão de receber o seu diploma na cerimônia oficial; e Carlotta resolveu ir à

²² Michigan State University College of Education. Carlotta Walls LaNier, Spring 2014 Commencement Speaker. YouTube. 10.06.2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HQXC89yomg4&ab_channel=MichiganStateUniversityCollegeofEducation.. Acesso em: 11 jul. 2023, trad. minha.

²³ KENYANESE. Elizabeth Eckford of the Little Rock Nine Speaks (Interview-5th March 2018). YouTube. 05.03.2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G1Zzo_wLjX8&list=PLnYWCAPsm7d6jvf1C3jSXDynZ5rqCJnAu&index=7&ab_channel=Kenyanese.. Acesso em: 12 jul. 2023, trad. minha.

²⁴ KENYANESE. Elizabeth Eckford of the Little Rock Nine Speaks (Interview-5th March 2018). YouTube. 05.03.2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G1Zzo_wLjX8&list=PLnYWCAPsm7d6jvf1C3jSXDynZ5rqCJnAu&index=7&ab_channel=Kenyanese.. Acesso em: 12 jul. 2023.

escola no dia seguinte ao atentado à sua casa. Ela afirma que não queria dar o prazer da vitória a eles.²⁵

Nós, hoje, temos o privilégio da distância histórica para avaliar os acontecimentos, além de ter amplo material historiográfico à disposição sobre a crise em Little Rock. Hannah Arendt e seus contemporâneos escreveram e/ou agiram sob o impacto imediato das ocorrências.

A ARGUMENTAÇÃO DE HANNAH ARENDT

A violência racista a que as crianças estiveram expostas é o que levou Arendt a escrever sobre Little Rock, ainda no calor dos acontecimentos. Young-Bruehl considera que *Reflexões sobre Little Rock*, assim como depois *Eichmann em Jerusalem* foram os dois textos “que irromperam, de modo desenfreado, de sua compaixão com vítimas inocentes”²⁶.

Nesse ímpeto, Arendt recorreu a modos de avaliar e de se posicionar que, em outros momentos, mostraram-se profícuos para suas reflexões. Em primeiro lugar, há o *juízo* como uma forma específica do pensamento. Quem julga leva em consideração pontos de vista que diferem de seu próprio, de certo modo, buscando uma avaliação desinteressada. Em segundo lugar, Arendt considera que nossa existência é multifacetada, e não é regida por um único princípio. Por isso é necessário fazer algumas *distinções*: o que é válido para a esfera privada, pode não ser válido no espaço público, e o que importa na esfera social, difere dos princípios da esfera política. Esses modos de pensar são, por assim dizer, adotados por Arendt em relação aos acontecimentos em Little Rock.

Porém, antes ainda de iniciar suas reflexões, Arendt explicita, nas *Observações preliminares*, sua perspectiva sobre os acontecimentos em Little Rock:

Já que o que escrevi pode chocar pessoas boas e ser mal utilizado pelas más, gostaria de deixar claro que, como judia, tomo por garantida (*take ... for granted*) minha simpatia pela causa dos negros como por todos os povos oprimidos e desprivilegiados, e apreciaria se o leitor fizesse o mesmo.²⁷

Em seguida, na parte introdutória do texto²⁸, lemos:

O ponto de partida das minhas reflexões foi uma fotografia nos jornais que mostrava uma menina negra saindo de uma escola recém-integrada a caminho de casa: perseguida por uma turba de crianças brancas, protegida por um amigo branco de seu pai, a face dando um testemunho eloquente do fato óbvio de que ela não estava precisamente feliz. A fotografia revelava a situação em poucas

²⁵ Voices of the Civil Rights Movement. Carlotta Walls LaNier of the Little Rock Nine. YouTube. 22.02.2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sLN-UhaJzGQ&ab_channel=VoicesoftheCivilRightsMovement. Acesso em: 06 jul. 2023, trad. minha.

²⁶ YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. Hannah Arendt: Leben Werk und Zeit. 3. Aufl. Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 2013, S. 425, trad. minha.

²⁷ ARENDT, Hannah. Reflections on Little Rock. In: *Dissent* 6/1 (Winter 1959), p. 46, trad. minha.

²⁸ A introdução originalmente integrava a resposta de Arendt à réplica de David Spitz, que tinha sido publicada no mesmo número da *Dissent* do inverno 1959 (THAA, 2011).

palavras, porque aqueles que nela apareciam foram diretamente afetados pela ordem do tribunal federal, as próprias crianças.²⁹

A autora expressa sua indignação com a exposição de crianças a uma situação de violência. Essa não é apenas a sua motivação para escrever o artigo, mas se trata de um ponto central para ela. Arendt advoga pela proteção das crianças nesse texto, e manterá esse princípio, também mais tarde, no artigo *A crise na educação*. Em ambos os textos, a proteção das crianças vincula-se ao rechaço de qualquer forma de instrumentalização da educação para as lutas políticas, cuja responsabilidade é unicamente dos cidadãos adultos. Vemos que ela manteve essa posição mesmo quando, anos depois, admitiu não ter compreendido que proteger as crianças negras em um mundo racista pode levar os adultos a atitudes diferentes do que ela pensava serem as corretas.

Arendt que, como estrangeira, sabia estar em uma posição de *outsider* (estranha)³⁰, como lhe é dito muitas vezes e como ela mesma destaca, busca levar em consideração os diversos atores envolvidos; isto é, tenta avaliar os acontecimentos, levando em conta diferentes pontos de vista. Opera, portanto, uma forma de pensar que, como vimos, denomina julgamento, que lhe exige imaginar a perspectiva dos outros e, assim, não permanecer restrita à sua visão pessoal, sem, no entanto, deixar de falar com sua própria voz.³¹ Nesse intuito, e tendo em vista que as crianças ainda não assumem responsabilidade política pelo mundo, Arendt questiona-se o que os adultos fizeram, e também busca se colocar no lugar deles. Indaga-se, dessa forma, “o que eu faria, se fosse uma mãe negra”³², e responde que ela não teria exposto sua filha a uma situação humilhante. Não teria exigido dela fazer parte de um grupo social em que ela não é desejada. Arendt avalia, portanto, que as crianças foram expostas pelos adultos responsáveis a uma situação social não somente embaraçosa e sofrida, mas marcada por agressão e violência. Diz, ainda, que também no lugar de uma mãe branca não teria exposto sua filha ou seu filho ao conflito.

Podemos nos perguntar – e é o que muitos críticos fizeram na época – até que ponto Arendt seria capaz de imaginar o que significa ser uma mãe negra nos estados do Sul. Há uma presunção no seu julgamento, com a qual, da minha parte, não concordo, apesar de que, junto com ela e contra vários dos seus críticos, penso que ela tem o direito de opinar. Também, que o debate ganha em relevância política, na medida em que dele participam diversas vozes, inclusive as de *outsiders* – ou seja, aqueles capazes de ver o conflito de fora, sem estar diretamente envolvido.

²⁹ ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004. p. 261.

³⁰ ARENDT, Hannah. Reflections on Little Rock. In: *Dissent* 6/1 (Winter 1959), p. 45-56.

³¹ Sobre o julgamento, Arendt escreveu o seguinte: “O aspecto importante da questão é que meu julgamento de um caso particular não depende meramente da minha percepção, mas de eu representar para mim mesmo algo que não percebo [...]. embora ao julgar eu leve em consideração os outros, isso não significa que me adapte em meu julgamento aos julgamentos dos outros. Ainda falo com a minha própria voz e não conto votos para chegar ao que penso ser certo. Mas o meu julgamento já não é subjetivo, no sentido de que chegaria às minhas conclusões levando apenas a mim mesma em consideração” (ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004., p. 206-207).

³² ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 261, grifo da autora.

Ainda, é de se notar que sua avaliação de estar diante de um sacrifício que é imposto a crianças em nome de uma luta política, cuja responsabilidade era dos adultos, antecipa questionamentos que outras vozes fizeram anos depois. Elizabeth Eckford, em 2018, ainda sofre sequelas da experiência traumática, e foi perguntada pelo repórter da BBC, se o seu sacrifício valeu a pena. Também Carlotta LaNier e Ernest Green testemunham quão traumatizante foi frequentar a escola. Além disso, nenhum dos nove foi capaz de falar sobre o ocorrido durante décadas, conforme já exposto. No entanto, todos eles tiveram o apoio dos seus pais e, na retrospectiva, julgam que foi um sacrifício necessário, divergindo, assim, de Arendt. Retomaremos esse ponto junto com a crítica de Ralph Ellison, que salientou justamente o tema do sacrifício.

Também é importante ressaltar que, segundo Arendt, a atitude dos pais e das mães negras está vinculada a um equívoco mais amplo, que diz respeito às prioridades do NAACP. A luta por igualdade deveria priorizar o direito à participação política, e não começar pela dessegregação escolar, classificada por Arendt, nesse momento, como uma questão social. O que está em jogo é a própria república, isto é, o regime político baseado no princípio da igualdade, que deveria garantir o direito de todos os cidadãos de participarem nas decisões sobre a vida em comum. Nesse sentido, é a exclusão política da população negra que constituiu, para Arendt, a atrocidade maior. “A questão da cor foi criada por um grande crime na história dos Estados Unidos e só tem solução dentro da estrutura política e histórica da República”.³³ Pouco antes, em palavras ainda mais contundentes, ela se refere ao “crime original”, e afirma que é “a legislação racial que constitui a perpetuação do crime original na história deste país”³⁴.

A única maneira de reparar esse crime original era lutar por direitos iguais no cenário político, o que significa, para Arendt, priorizar o direito ao voto da população negra. É claro que o movimento por direitos civis não é alheio a essa causa, a qual, no entanto, ganharia mais força política somente no início dos anos 1960, culminando na conquista do *Voting Rights Act* (Lei dos direitos de voto), de 1965³⁵. Na opinião de Arendt, o movimento negro em Little Rock errou ao começar a luta nas escolas porque, assim, estaria priorizando a esfera social, e não a política.

A argumentação da autora baseia-se na distinção entre o *âmbito político*, que deveria ser regido pelo princípio da *igualdade* dos cidadãos, e a *esfera social*, na qual a convivência se caracteriza pela *discriminação* – termo que, na abordagem de Arendt, ganha contornos peculiares, como veremos. A esfera política, de acordo com Arendt, é o âmbito em que os rumos da república ou da comunidade são decididos; aqui, é necessário garantir direitos iguais, mais ainda: em sentido estrito, não há política sem igualdade. O grande crime da república americana, desde sua origem, foi o de ter excluído as populações negra e indígena do que ela chama de *consensus universalis*, usando um

³³ ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 266.

³⁴ ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 265.

³⁵ ESTADOS UNIDOS. Voting Rights Act (1965). Disponível em: <http://www.ourdocuments.gov/doc.php?flash=true&doc=100&page=transcript>. Acesso em: 23 jul. 2023.

termo de Tocqueville³⁶ e, com isso, dos espaços de decisão política. Por isso, a primeira reivindicação do movimento negro, a seu ver, deveria ser o direito fundamental ao voto.

Contudo, se a igualdade é imprescindível na política, segundo Arendt, há outras esferas da nossa vida que não devem seguir o princípio da igualdade; assim, por exemplo, nos âmbitos em que as pessoas se associam por preferências pessoais. Posso escolher com quem passar meu tempo de lazer sem levar em conta qualquer princípio de igualdade. Poderíamos pensar em um clube de xadrez, em que se encontram exclusivamente enxadristas, o que exclui as pessoas interessadas em outras atividades, ou em uma aula de natação somente para mulheres que, por definição, é excludente. Esses seriam exemplos de atividades que ocorrem no que Arendt, nesse artigo, denomina “esfera social”³⁷. Essa esfera funciona por meio da discriminação, pois nela importam

[...] as diferenças pelas quais as pessoas pertencem a certos grupos cuja própria possibilidade de identificação exige que elas discriminem outros grupos no mesmo âmbito. [...] sem algum tipo de discriminação a sociedade simplesmente deixaria de existir e possibilidades muito importantes de livre associação e formação de grupos desapareceriam.³⁸

Porém, na esfera política, isto é, nas ações, nos debates políticos e nas instâncias em que são tomadas as decisões, vale o princípio da igualdade. É próprio da esfera política que pessoas diversas e distintas entre si se encontram para debater e decidir sobre projeto comuns; cada um a partir do seu lugar, da sua experiência e da sua perspectiva. Assim, a tendência à homogeneização, que é própria da esfera social, em que as pessoas se juntam com seus semelhantes ou com aqueles que têm interesses iguais, não deveria afetar o âmbito político, que se caracteriza pela pluralidade de pontos de vista. Na política, as pessoas defrontam-se com aqueles que pensam diferente, mas estão em pé de igualdade, pois todos têm o direito de participar, isto é, de se inserir no espaço comum com atos e palavras.

O ponto decisivo, para Arendt, é que não todas as esferas da nossa existência seguem a mesma lógica, e temos de tomar cuidado para não impor, à esfera social, princípios alheios a ela (como se pudéssemos impor a participação de homens à aula de natação para mulheres) e, sobretudo, não impor à política a lógica social, pondo em risco a pluralidade e a igualdade, ao mesmo tempo. Arendt explica que “a discriminação é um direito social tão indispensável quanto a igualdade é um direito político. A questão não é como abolir a discriminação, mas como mantê-la confinada dentro da esfera social, quando é legítima, e impedir que passe para a esfera política e pessoal, quando é destrutiva”.³⁹

³⁶ ARENDT, Hannah. Desobediência civil. In: ARENDT, Hannah. *Crises da república*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

³⁷ A esfera social, nesse texto, é caracterizada de modo peculiar. Canovan (1995, p. 116-122) explica que o termo é abordado a partir de ângulos diversos na obra de Arendt, e ganha conotações diferentes, dependendo do tema em questão.

³⁸ ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 273-274.

³⁹ ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 274.

A argumentação de Arendt, de fato, abre perspectivas originais e provoca seus leitores a pensar sobre aspectos talvez antes não percebidos. Entre eles está a ideia de que a discriminação exerce uma função que tem sentido na vida social, mas não na política. Um problema, porém, que já foi apontado por diversas pessoas, é que, nas nossas experiências, os âmbitos nem sempre são tão claramente distinguíveis. Se as distinções, por um lado, têm a virtude de nos fazer pensar a partir de ângulos diferentes, por outro lado, elas não são categorias que simplesmente possamos aplicar e usar como guia prático. Arendt⁴⁰ mesma afirma que o modo de distinguir entre diferentes esferas de nossa existência dependem de cada civilização e do momento histórico. Em outras palavras, poderíamos afirmar que as distinções entre as esferas, suas atividades e princípios, não são um manual que nos diz onde fazer o que. Contudo, parece-me que Arendt, nesse artigo, caiu em sua própria armadilha, pois só podemos discordar da classificação da educação escolar como parte da esfera social, à qual o princípio da igualdade (nesse caso, o igual direito à educação) não se aplicaria. A própria Arendt retomou e repensou esse ponto em específico em seu ensaio *A crise na educação*.

Ainda nas *Reflexões sobre Little Rock*, a dificuldade de definir quais lugares e estabelecimentos pertenceriam ou não à esfera social é evidente na escrita de Arendt. O primeiro grupo de exemplos, que ela dá para a esfera social, são os locais de férias, hotéis e lugares de recreação, isto é, lugares cujo objetivo é que as pessoas possam se associar, se encontrar e passar seu tempo livre. “Se como judia desejo passar as minhas férias apenas na companhia de judeus, não vejo como alguém pode de maneira convincente me impedir a satisfazer minha vontade”⁴¹, diz Arendt. Nessa categoria não entram os museus e os teatros, cujo objetivo não é a agregação de pessoas. Quanto aos hotéis e restaurantes, a questão é diferente, dependendo se são localizados em um distrito comercial ou não. No primeiro caso, trata-se de serviços que são da esfera social, mas que “estão claramente no domínio público em que todos os homens são iguais”⁴². Nessa categoria, ela inclui o transporte público, dizendo que a discriminação nas ferrovias e nos ônibus é escandalosa. Enfim, Arendt parece emaranhar-se nas próprias categorias. Como decidir se um hotel é meramente da esfera social e ou se é do domínio público? Por que o museu seria público, mas a escola não?

Ainda gostaria de ressaltar um ponto crítico que diz respeito à própria atuação de Arendt como participante do debate político. Com a pensadora⁴³, aprendemos que não há política sem uma diversidade de pontos de vista e de opiniões. A política é, na verdade, o âmbito das opiniões por excelência. Quando os pontos de vista são substituídos por uma verdade única, a própria política deixa de existir. A interação entre os cidadãos depende da possibilidade de ser ouvido e visto, e de considerar a fala e a ação dos outros. Porém, no artigo *Reflexões sobre Little Rock*,

⁴⁰ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. Revisão Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

⁴¹ ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 275.

⁴² ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 275.

⁴³ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. Revisão Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

encontramos pouca disposição para ouvir posicionamentos diferentes e respeitá-los, independentemente de concordar ou não com eles. Nas *Observações preliminares*, ela sustenta que “[...] as minorias oprimidas nunca foram os melhores juízes sobre a ordem de prioridades [...] e há muitos casos em que elas preferiram lutar por oportunidades sociais em vez de direitos humanos ou políticos básicos”, e em seguida, afirma que “a ordem de prioridades na questão dos direitos deve ser determinada pela Constituição, e não pela opinião pública ou pelas maiorias”⁴⁴. A arrogância nessa afirmação é inaceitável.

Arendt apela para a autoridade maior da constituição, o que soa estranho, porque em outros momentos afirma que o mundo comum precisa ser renovado constantemente⁴⁵. É justamente a constituição americana que é modificada por meio de emendas, como a 13ª, que aboliu a escravidão; ou a 15ª, que garante o direito ao voto às mulheres. Em *Sobre a revolução*, Arendt se pergunta se a constituição da república impediria o espírito revolucionário das futuras gerações. De acordo com ela, foi Jefferson quem percebeu com maior clareza que seria injusto que apenas à geração dos fundadores “coubesse ‘iniciar o mundo de novo’; para ele, assim como para Paine, era simples vaidade e presunção governar do além-túmulo”; era, ademais, a ‘mais ridícula e insolente de todas as tiranias’⁴⁶. Nesse sentido, Jefferson era favorável a revisões periódicas da constituição.

Nos Estados Unidos, as revisões da constituição são realizadas pelas emendas, que entre outros pontos, ampliaram a participação política de diversos grupos da população, também por meio de novas interpretações do próprio texto da constituição pela Suprema Corte, frente a casos específicos. Foi o caso *Brown versus Board of Education*, que levou a Suprema Corte a declarar a educação segregada como inconstitucional.

Enfim, Arendt, em uma aprofundada análise e reflexão sobre a autoridade da constituição, no seu livro *Sobre a Revolução*, salienta, sim, a importância de uma constituição duradoura, que garante certa estabilidade, mas não se pronuncia a favor de sua autoridade absoluta que, aliás deixaria de ser “autoridade” para se transformar em tirania. Por isso, é no mínimo estranho que ela tenha recorrido à autoridade da constituição para deslegitimar as prioridades do movimento negro. Em seu ensaio *A crise na educação*, Arendt, alguns meses depois, repensou o papel da educação em um mundo sempre pendente de renovação.

Porém, antes de abordar o ensaio sobre educação, volto-me agora para uma das vozes críticas, a do escritor afro-americano Ralph Ellison, que Arendt levou muito a sério, ao ponto de admitir que ela se equivocou totalmente no seu julgamento em relação a Little Rock.

⁴⁴ ARENDT, Hannah. Reflections on Little Rock. In: *Dissent* 6/1 (Winter 1959), p. 46, trad. minha.

⁴⁵ ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 221-247.

⁴⁶ ARENDT, Hannah. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 295.

A CRÍTICA DE RALPH ELLISON E A RESPOSTA DE ARENDT

Em 1965 – seis anos depois da publicação das *Reflexões sobre Little Rock* – foi lançado o livro *Who Speaks for the Negro?* Nesse livro, Robert Penn Warren publicou entrevistas com protagonistas do movimento por direitos civis. Uma delas é concedida por Ralph Ellison, escritor e poeta negro do Sul dos EUA. Ellison, em determinado momento, menciona o artigo de Arendt:

Arendt [...] acusou pais negros de explorar seus filhos durante a luta para integrar as escolas. Mas ela não tem a menor ideia do que se passa na cabeça dos pais negros quando mandam seus filhos para essas filas de pessoas hostis.⁴⁷

Segundo Ellison, Arendt não foi capaz de compreender a violência que está presente de modo inevitável na vida das crianças negras. Para os pais, explica ele, é, portanto, impossível garantir a proteção dos seus filhos contra o racismo.

Ele diz que, na história da população negra no Sul, a luta pela sobrevivência colocava-se forçosamente em primeiro lugar. O que é de admirar é que a sujeição a um modo de vida desumanizante não pôde eliminar a resistência. Ellison ressalta que, apesar de tudo, a pessoa negra manteve uma compreensão de si como alguém capaz de fazer escolhas. Ele relata que “os negros do Sul aprenderam sobre violência em uma escola muito dura. Eles sabem há muito tempo que podem aguentar muitas chicotadas, e sobreviver, e continuar trabalhando em direção a seus próprios objetivos.”⁴⁸ Viver em uma sociedade racista significa, para os negros, estar no lugar de vítimas e, no entanto, também é sustentar-se no papel de atores que pensam por si e tomam decisões, um papel que exige uma pesada responsabilidade. Diante da violência, muitas vezes, a escolha é entre a sujeição, para poder sobreviver, e o revide. Por isso, a resistência exige constante discernimento: quando lutar por seus direitos e sua dignidade e em que momentos se submeter? Como afirmar-se contra um mundo de menosprezo? Como se relacionar com a sociedade de um modo não suicida, escolhendo suas lutas? Cada escolha considera que há ofensas que não serão revidadas. Ellison realça que “isso coloca uma grande pressão moral sobre o indivíduo e requer autoconfiança, autoconsciência, autodomínio, discernimento e compaixão”.⁴⁹

Assim, para o autor, a suposição de Arendt, de que os pais submetem seus filhos ao sofrimento da rejeição porque desejam sua inserção em grupos sociais que os excluem, isto é, a ideia de que os pais assumem uma atitude *parvenu*, e estão dispostos a conseguir a integração ao preço da humilhação, está longe da situação real. Ellison afirma que, na sociedade em que as crianças negras convivem com pessoas brancas, deposita-se a expectativa nelas de que não abaxem

⁴⁷ ELLISON, Ralph. [Interview with] Robert Penn Warren. In: WARREN, Robert Penn. *Who Speaks for the Negro?* New York: Random House, 1965. Disponível em: <https://whospeaks.library.vanderbilt.edu/interview/ralph-ellison>. Acesso em: 23 jul. 2023, trad. minha.

⁴⁸ ELLISON, Ralph. [Interview with] Robert Penn Warren. In: WARREN, Robert Penn. *Who Speaks for the Negro?* New York: Random House, 1965. Disponível em: <https://whospeaks.library.vanderbilt.edu/interview/ralph-ellison>. Acesso em: 23 jul. 2023, trad. minha.

⁴⁹ ELLISON, Ralph. [Interview with] Robert Penn Warren. In: WARREN, Robert Penn. *Who Speaks for the Negro?* New York: Random House, 1965. Disponível em: <https://whospeaks.library.vanderbilt.edu/interview/ralph-ellison>. Acesso em 23 jul. 2023, trad. minha.

a cabeça, mas que tenham autocontrole, se necessário, para não reagir a provocações e agressões. Finalmente, o autor indaga: “No entanto, não é disso que se trata na civilização? E não é isso que a tragédia sempre procurou nos ensinar?”⁵⁰

De acordo com Ellison, colocar-se no lugar dos pais negros é considerar que eles não tomaram a decisão de mandar seus filhos à *Central High School* de modo leviano. Algo semelhante mostra o relato de Carlotta Walls LaNier quando, quase 60 anos depois dos acontecimentos em Little Rock, diz que busca honrar seus pais em toda oportunidade que tem. Sua gratidão aos pais acentuou-se ainda mais quando ela teve seus filhos. “Quando eu mesma vim a ser mãe, eu realmente entendi o nível de coragem e fé que eles possuíam para serem capazes de me colocar em tal perigo a cada dia”.⁵¹

Segundo Ellison, os pais sabem que, em algum momento, as crianças têm de enfrentar um mundo injusto, desigual e racista. Nesse sentido, ir para a escola é algo como uma iniciação nesse mundo hostil.

No entanto, eles (os pais negros) estão cientes das implicações de um rito de iniciação que tais eventos realmente constituem para a criança, um confronto dos terrores da vida social com todos os mistérios desnudados. E na visão de muitos desses pais (que desejam que o problema não existisse), espera-se que a criança enfrente o terror e contenha seu medo e sua raiva precisamente porque é um negro americano. Assim, a criança é obrigada a dominar as tensões internas criadas por sua situação racial, e se ela se machucar, então será mais um sacrifício. É uma exigência dura, mas se ela falhar nesse teste básico, sua vida será ainda mais dura.⁵²

Assim, os pais não sacrificam as crianças em uma luta que seria dos adultos, mas exigem sacrifícios delas – que não queriam precisar exigir –, tendo em vista a possibilidade de existir enquanto negro no mundo. “[...] isso também fez parte da experiência do negro americano, e acredito que uma das pistas importantes para o significado dessa experiência está na ideia, no ideal de sacrifício.”⁵³

Hannah Arendt, ainda em 1965, leu o livro *Who Speaks for the Negro?* de Warren. Depois de ler a entrevista com Ellison e a crítica às suas *Reflexões sobre Little Rock*, escreveu uma carta ao autor. Nela, diz ter recebido outras críticas – “Recebi, claro, muitas críticas por parte dos meus amigos

⁵⁰ ELLISON, Ralph. [Interview with] Robert Penn Warren. In: WARREN, Robert Penn. *Who Speaks for the Negro?* New York: Random House, 1965. Disponível em: <https://whospeaks.library.vanderbilt.edu/interview/ralph-ellison>. Acesso em: 23 jul. 2023, trad. minha.

⁵¹ Michigan State University College of Education. Carlotta Walls LaNier, Spring 2014 Commencement Speaker. YouTube. 10.06.2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HQXC89yomg4&ab_channel=MichiganStateUniversityCollegeofEducation. Acesso em: 11 jul. 2023, trad. minha.

⁵² ELLISON, Ralph. [Interview with] Robert Penn Warren. In: WARREN, Robert Penn. *Who Speaks for the Negro?* New York: Random House, 1965. Disponível em: <https://whospeaks.library.vanderbilt.edu/interview/ralph-ellison>. Acesso em: 23 jul. 2023, trad. minha.

⁵³ ELLISON, Ralph. [Interview with] Robert Penn Warren. In: WARREN, Robert Penn. *Who Speaks for the Negro?* New York: Random House, 1965. Disponível em: <https://whospeaks.library.vanderbilt.edu/interview/ralph-ellison>. Acesso em: 23 jul. 2023, trad. minha.

"liberais" ou melhor, não amigos que, devo confessar, não me incomodaram."⁵⁴ –, mas admite que as observações de Ellison lhe abriram os olhos e lhe mostraram que seu julgamento havia tomado “uma direção totalmente errada”⁵⁵.

Você está totalmente correto (*entirely right*): é justamente esse “ideal de sacrifício”, que eu não entendi; e, como meu ponto de partida foi uma consideração da situação de crianças negras em escolas integradas à força, essa falha em entender me levou realmente para uma direção totalmente errada (*entirely wrong*). [...] Eu sabia que estava de alguma forma errada e pensei que não tinha entendido o elemento de violência gritante, de medo elementar e corporal na situação. Mas suas observações me parecem tão inteiramente corretas (*so entirely right*), que agora vejo que simplesmente não entendi as complexidades da situação.⁵⁶

Arendt, portanto, admite não ter compreendido a forma como a violência está presente na vida da população negra. A fala de Ellison é convincente para ela, talvez porque o autor trata justamente do ponto que é crucial para Arendt: a violência sofrida pelas crianças. É exatamente essa experiência cruel que Ellison apresenta sob um ângulo diferente. Ele também está preocupado com a proteção das crianças, mas a questão é: como protegê-las em um cenário incontornavelmente hostil? Se a exposição das crianças é inevitável, a única saída é que aprendam a se proteger e a escolher suas lutas, também a suportar certas agressões, mantendo a cabeça erguida. É o que o Paulo Bodziak, em seu artigo sobre Little Rock, resume da seguinte forma: “Se os pais negros sustentaram e lutaram pela ida de seus filhos para a escola branca hostil, foi porque acreditavam que [...] seus filhos conquistariam a tenacidade necessária para resistir aos assaltos violentos do convívio em uma sociedade racista”⁵⁷.

Para Hannah Arendt, a proteção das crianças, entendida como responsabilidade dos adultos, era um tema sensível, sobre o qual continuou pensando e sobre o qual escreveu ainda no ano de 1958. Resultado dessas reflexões foi o ensaio *A crise na educação*, cuja primeira versão foi uma palestra, em 13 de maio de 1958, na Alemanha. Esse texto, depois, foi revisado pela autora e publicado no livro *Entre o passado e o futuro*.

⁵⁴ ARENDT, Hannah. Carta para Ralph Ellison em 29/07/1965. In: Hannah Arendt Papers: Correspondence, 1938-1976, Library of Congress, Washington. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/mss11056dig.020340/?sp=7&r=-1.367,-0.118,3.734,1.455,0..> Acesso em: 22 jul. 2023, trad. minha.

⁵⁵ ARENDT, Hannah. Carta para Ralph Ellison em 29/07/1965. In: Hannah Arendt Papers: Correspondence, 1938-1976, Library of Congress, Washington. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/mss11056dig.020340/?sp=7&r=-1.367,-0.118,3.734,1.455,0..> Acesso em: 22 jul. 2023, trad. minha.

⁵⁶ ARENDT, Hannah. Carta para Ralph Ellison em 29/07/1965. In: Hannah Arendt Papers: Correspondence, 1938-1976, Library of Congress, Washington. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/mss11056dig.020340/?sp=7&r=-1.367,-0.118,3.734,1.455,0..> Acesso em: 22 jul. 2023, trad. minha.

⁵⁷ BODZIAK JUNIOR, Paulo Eduardo. O impacto do social na educação: Little Rock e o despertar para a responsabilidade em Hannah Arendt. In: CARVALHO, José Sérgio Fonbseca de/ CUSTÓDIO, Crislei de Oliveira (Orgs.). *Hannah Arendt: a crise na educação e o mundo moderno*. São Paulo: Intermeios/FAPESP, 2017, p. 65.

A disposição de Arendt de repensar o já pensado é louvável. Incomoda, porém, uma questão: por que Arendt – que tanto admirava em Lessing⁵⁸ e em Kant⁵⁹ a coragem de reivindicar para si o direito de repensar assuntos sobre os quais já haviam se manifestado anteriormente – escreve apenas em uma carta pessoal a Ellison sobre sua mudança de julgamento, e não se posiciona de modo público sobre o assunto?

O PENSAMENTO DE ARENDT SOBRE EDUCAÇÃO: DE *LITTLE ROCK* ATÉ *A CRISE NA EDUCAÇÃO*

Em seu artigo *Reflexões sobre Little Rock*, Arendt, embora se posicione sobre temas relacionados à escola, não se propõe a desenvolver uma concepção de educação. É o que ela fará no ensaio *A crise na educação*. Nesse texto, ela se debruça sobre o tema, aborda a crise na educação, discute as relações entre educação e política e apresenta uma concepção de educação, localizando, agora, a atividade educativa em uma esfera que denomina *pré-política*.

A meu ver, há mudanças significativas em relação às suas afirmações sobre educação nas *Reflexões sobre Little Rock*. Veremos brevemente o que ela afirma sobre a educação escolar, neste texto, para depois discutir o que mantém e o que altera em sua abordagem. Restrinjo-me a dois pontos: a tarefa atribuída à escola e a localização da atividade educativa, tendo em vista a distinção arendtiana entre as esferas privada, pública e social.

No que tange o papel da instituição escolar, em *Reflexões sobre Little Rock*, a escola é descrita simplesmente como o lugar onde as crianças recebem instrução. Esse termo parece não significar muito mais do que o ensino de determinados conteúdos ou habilidades. Determinar esse conteúdo, afirma Arendt, é tarefa do Estado, que “tem o direito incontestável de prescrever exigências mínimas para a futura cidadania e, além disso, promover e apoiar o ensino de temas e profissões que são consideradas desejáveis e necessárias para a nação como um todo”⁶⁰.

Há, aqui, uma ideia bastante restrita do que vem a ser a educação escolar, a qual parece se resumir a uma tarefa técnica. Arendt chega a afirmar que “a escola é para uma criança o que um emprego é para um adulto”⁶¹, reduzindo a educação escolar a uma necessidade social, sem significado político.

Em seu ensaio de 1958, vemos quase que uma reviravolta em sua concepção de educação. O aspecto técnico e funcional não desaparece, mas Arendt salienta que, longe de ser o sentido da

⁵⁸ Sobre Lessing, Arendt escreve que ele nunca amarrava seu “*pensar por si*” a resultados. “De fato, ele renunciava explicitamente ao desejo de resultados, na medida em que podiam significar uma solução definitiva de problemas que o pensamento provocava a si mesmo; -seu pensar não era uma busca da verdade, visto que toda verdade que resulta de um processo de pensamento necessariamente põe um fim ao movimento do pensar.” (ARENDDT, 2008, trad. mod).

⁵⁹ Ver epígrafe.

⁶⁰ ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 280.

⁶¹ ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 280.

educação, trata-se de um mero “treinamento [...] do viver”⁶² – importante para a sobrevivência de cada um, mas sem importância direta para o mundo comum. A educação realmente ganha sua relevância, não em vista de qualquer funcionalidade, mas porque as crianças são recém-chegadas no mundo. São novas nesse lugar compartilhado, que as antecede, e precisam ser acolhidas e familiarizadas com o mundo comum para que possam se apropriar dessa sua herança, ressignificá-la e, futuramente, se inserir e intervir nesse mundo que depende dos que nele chegam para ser renovado.

Nesse texto, a educação ganha um significado político: por um lado, ela é responsável pelos novos habitantes do mundo e, por outro lado, assume responsabilidade pela continuidade do próprio mundo – um mundo ameaçado pelo esquecimento, mas também carente de renovação. É na educação que entregamos o legado do mundo nas mãos dos novos que, futuramente, poderão intervir nele, lutar contra as injustiças, mas também preservar o que se considera precioso. O que está em jogo, aqui, não é apenas a instrução, ou a aquisição de habilidades e conteúdos, mas a relação que os mais novos estabelecerão com o mundo em que convivemos com os outros.

No que diz respeito ao segundo ponto que desejo abordar, isto é, a localização da educação em uma das esferas de nossa existência, a questão é de extrema importância para a compreensão arendtiana da educação. Em *A condição humana*, Arendt explica que “cada atividade humana assinala sua localização adequada no mundo”⁶³. Assim, os assuntos políticos devem ter seu lugar no espaço público, onde os cidadãos, em condições de igualdade, podem falar sobre eles e participar das decisões, enquanto outros assuntos, que não são de interesse público, devem permanecer em outras esferas, sejam essas a privada, a social, a do pensamento, a religiosa, etc.

Nas *Reflexões sobre Little Rock*, Arendt tinha afirmado que a educação escolar faz parte do âmbito social, pois a frequência da escola se desenvolve “no contexto da associação e da vida social”⁶⁴. Isso, no contexto da obra arendtiana, claramente significa que a educação não tem relevância política. Nesse sentido, ela ainda afirmou que “[...] para a própria criança, a escola é o primeiro lugar fora de casa em que ela estabelece contato com o mundo público que a rodeia e à sua família. Esse mundo público *não é político, mas social*”⁶⁵. Em coerência com essa perspectiva, Arendt argumenta que o princípio da igualdade não é aplicável à escola, o que, a meu ver, é uma afirmação problemática, tendo em vista que, entre outros pontos, não considera o igual acesso à educação como tema de relevância política. Outro ponto questionável, embora coerente do ponto de vista da argumentação, é que, ao qualificar a educação como uma atividade social, os pais não

⁶² ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 235.

⁶³ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. Revisão Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 90.

⁶⁴ ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 280.

⁶⁵ ARENDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 2809, grifo meu.

devem ser forçados a mandar seus filhos para escolas integradas, porque seria contra o direito social da livre associação.

No ensaio *A crise na educação*, Arendt continua e revê sua reflexão sobre o lugar da escola. É notável que, nesse texto, em nenhum momento ela cogita que a escola possa ser parte da esfera social. A criança é chamada de recém-chegada no mundo comum, um mundo que ainda não conhece e no qual precisa ser iniciada. A escola, como instituição pública, tem a difícil tarefa de introduzir a criança no mundo, e ao mesmo tempo, protegê-la dele.

Podemos ver que o tema da proteção das crianças continua decisivo, mas agora Arendt tem um olhar diferenciado. Se a família protege a criança contra o mundo, a escola, aos poucos, introduz a criança nesse mundo, tendo em vista que chegará o momento em que o jovem assumirá o seu papel no mundo. Assim, a escola é uma esfera intermediária: “[...] é a instituição que interpomos entre o domínio privado do lar e o mundo com o fio de fazer com que seja possível a transição, de alguma forma, da família para o mundo.”⁶⁶

Ao conceber a escola como espaço de transição do privado para o público, Arendt, por um lado, deixa claro que a escola se distingue do espaço privado, embora assuma algumas das preocupações da família, com destaque para a proteção da criança. Por outro lado, a escola também se distingue do espaço público-político, porque as crianças ainda não têm responsabilidade política pelo mundo e não estão em pé de igualdade com os cidadãos adultos. Ao mesmo tempo, contudo, é a escola que garante o direito de conhecer esse mundo, suas histórias, seus conhecimentos, as experiências que nele tiveram lugar.

Convivem na escola com uma diversidade de crianças e, nesse sentido, a mesma escola é igual ao espaço público (distinto do espaço social de livre associação com seus semelhantes), mas quando surgem conflitos entre as crianças, elas deveriam poder contar com a autoridade do professor, ou da direção, para que a criança individual não esteja exposta à “tirania da maioria”⁶⁷. O bom senso demandaria a intervenção dos adultos nesse caso. Não é preciso nenhuma reflexão ou análise mais profunda, mas é o sã juízo humano que demanda a proteção das crianças. O fracasso em garantir sua segurança é, talvez, o sinal mais claro da crise na educação, a qual, por sua vez, é reflexo da crise mais ampla do mundo moderno. Essa argumentação no ensaio *A crise na educação* certamente alimenta-se da experiência de Little Rock, ao mesmo tempo em que Arendt visivelmente repensou o papel da educação e sua relação com a política.

Ao constituir-se em uma esfera de transição, a educação, agora, ganha o status de esfera *pré-política*. Sua relação com o mundo sempre é tensa, porque, por um lado, lhe cabe apresentar um legado aos mais novos, voltando-se para o passado, e por outro lado, sua aposta é que as novas gerações possam transformar o mundo comum. Arendt, então, reconhece a escola como uma

⁶⁶ ARENDT, Hannah. *A crise na educação*. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 238.

⁶⁷ ARENDT, Hannah. *A crise na educação*. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 230.

instituição complexa, em que inevitavelmente há tensões. Em lugar de lhe atribuir uma função técnica, como o fez nas *Reflexões sobre Little Rock*, discute os desafios inerentes à educação escolar e a responsabilidade que lhe cabe. Como receber seres novos e vulneráveis e inseri-los em um mundo problemático? Em torno dessa questão gira o texto, que se caracteriza muito mais como um exercício de pensamento do que um julgamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, destaco que Arendt estava convencida de que as experiências e as histórias do passado nos ajudam a pensar sobre o presente e sobre o mundo que queremos. Por isso, o direito à educação em Arendt é o direito de se apropriar de um legado de experiências e conhecimentos.

Alguns dos nove estudantes negros, que em 1957 foram frequentar a *Central High School*, décadas depois engajam-se na tarefa de ir a escolas e universidades para falar sobre suas histórias, os acontecimentos em Little Rock e o movimento por direitos civis. Carlotta Walls LaNier é uma entre eles, que assumiu esse desafio para si. No seu depoimento, no canal *Voices do movimento por direitos civis*, após contar sua experiência na escola de Little Rock, termina, dizendo o seguinte:

Eu penso que nós precisamos contar essas histórias mais vezes. Isso é decisivo. Todas essas coisas que os jovens realmente deveriam saber para entender por que estão numa sala de aula com outras crianças que não tem a mesma aparência que eles. E eles pensam que simplesmente é assim, e que se supõe que deve ser assim, mas houve várias coisas que aconteceram para que chegássemos a esse ponto. E eu sou parte disso e tenho orgulho disso.⁶⁸

Assim, Carlotta LaNier – e outros dos *Little Rock Nine* – dá uma valiosa contribuição para aquilo que é uma das tarefas centrais da educação: compartilhar com os mais novos as histórias de um mundo que já existia antes de sua chegada.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. Carta para Ralph Ellison em 29/07/1965. In: *Hannah Arendt Papers: Correspondence, 1938-1976*, Library of Congress, Washington. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/mss11056dig.020340/?sp=7&r=-1.367,-0.118,3.734,1.455,0>. Acesso em: 22/07/2023.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. Revisão Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 221-247.

ARENDT, Hannah. *De la historia a la acción*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

ARENDT, Hannah. Desobediência civil. In: ARENDT, Hannah. *Crises da república*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

68 Voices of the Civil Rights Movement. Carlotta Walls LaNier of the Little Rock Nine. YouTube. 22.02.2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sLN-UhJzGQ&ab_channel=VoicesoftheCivilRightsMovement. Acesso em: 06 jul. 2023, trad. minha.

ARENDDT, Hannah. Reflections on Little Rock. In: *Dissent* 6/1 (Winter 1959), p. 45-56. (Também adquirível em <https://www.dissentmagazine.org/issue/winter-1959>). Acesso em: 22_/07/jul. 2023).

ARENDDT, Hannah. Reflexões sobre Little Rock. In: ARENDDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

ARENDDT, Hannah. Sobre a humanidade em tempos sombrios: reflexões sobre Lessing. In: ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 10-40.

ARENDDT, Hannah. *Sobre a revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARENDDT, Hannah. *A vida do espírito*. Tradução de Antonio Abranches e Helena Martins. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Ed. UFRJ, 1993.

ASSOCIATED PRESS. *60 Years On, A Look Back at the Little Rock Nine*. YouTube. 25.09.2017. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ym8rdtq-KBE&ab_channel=AssociatedPress. Acesso em: 11 jul. 2023.

BODZIAK JUNIOR, Paulo Eduardo. O impacto do social na educação: Little Rock e o despertar para a responsabilidade em Hannah Arendt. In: CARVALHO, José Sérgio Fonbseca de/ CUSTÓDIO, Crislei de Oliveira (Orgs.). *Hannah Arendt: a crise na educação e o mundo moderno*. São Paulo: Intermeios/FAPESP, 2017, p. 57-70.

CANOVAN, Margaret. *Hannah Arendt: a reinterpretation of her political thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CHICAGO HUMANITIES FESTIVAL. *Ernest Green: Civil Rights*. Youtube. 04.02.2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MscRIwGU1aU&ab_channel=ChicagoHumanitiesFestival. Acesso em: 10 jul. 2023.

ELLISON, Ralph. [Interview with] Robert Penn Warren. In: WARREN, Robert Penn. *Who Speaks for the Negro?* New York: Random House, 1965. Disponível em: <https://whospeaks.library.vanderbilt.edu/interview/ralph-ellison>. Acesso em: 23 jul. 2023.

ESTADOS UNIDOS. *Voting Rights Act* (1965). Disponível em: <http://www.ourdocuments.gov/doc.php?flash=true&doc=100&page=transcript>. Acesso em: 23 jul. 2023.

FERNANDES, Luiz Estevam/MORAIS, Marcos Vinícius. Os EUA no Século XIX. In: KARNAL, Leandro et. al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 99-171.

GUGGENHEIM, Charles. *Nine from Little Rock (1964)*. YouTube. 12.02.2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Yq3uxuxeNm4&t=113s&ab_channel=ReelblackOne. Acesso em: 06 jul. 2023.

HANNAH ARENDDT PAPERS. Library of Congress. Washington. Disponível em: <https://www.loc.gov/collections/hannah-arendt-papers/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

HANNAH ARENDDT PAPERS: Correspondence, 1938-1976, Library of Congress, Washington. Disponível em: <https://www.loc.gov/search/?fa=partof:hannah+arendt+papers:+correspondence,+1938-1976>. Acesso em: 22 jul. 2023.

HEC CULTURE. *Legacy of the Little Rock Nine*. Featuring Enest Green & Melba Pattillo Beals, PhD. YouTube. 25.02.2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mcA3w5fe0Qs&ab_channel=HECCulture. Acesso em: 10 jul. 2023.

HISTORY. *How the Little Rock 9 Impacted the Civil Rights Movement*. 06.06.2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S0Dn3tOmyKk&ab_channel=HISTORY. Acesso em: 10 jul. 2023.

KENYANESE. *Elizabeth Eckford of the Little Rock Nine Speaks* (Interview-5th March 2018). YouTube. 05.03.2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G1Zzo_wLjX8&list=PLnYWCAPsm7d6jvf1C3jSXDynZ5rqCJnAu&index=7&ab_channel=Kenyanese. Acesso em: 12 jul. 2023.

LANEUVILLE, Eric. *The Ernest Green Story*. Filme de televisão. Walt Disney, 1993.

MARQUETTEU. *Little Rock Nine*. YouTube. 22.01.2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oodolEmUg2g&ab_channel=MarquetteU. Acesso em: 06 jul. 2023.

MICHIGAN STATE UNIVERSITY COLLEGE OF EDUCATION. *Carlotta Walls LaNier*, Spring 2014 Commencement Speaker. YouTube. 10.06.2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HQXC89yomg4&ab_channel=MichiganStateUniversityCollegeofEducation. Acesso em: 11 jul. 2023.

OKLAHOMACHRISTIAN. *Carlotta Walls LaNier - Oklahoma Christian Q&A*. Youtube. 28.02.2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KfEq8LHG8d8&ab_channel=OklahomaChristian. Acesso em: 11 jul. 2023.

PURDY, Sean. O século americano. In: KARNAL, Leandro et. al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 173-275.

THAA, Winfried. Die Krisen der Republik. In: HEUER, Wolfgang/ HEITER, Bernd/ROSENMÜLLER, Stefanie (Hrsg.). *Arendt-Handbuch: Leben-Werk-Wirkung*. Stuttgart: Verlag J. B. Metzler, 2011, p. 114-124.

UNITED STATES OF AMERICA, *Public Law*105–277—oct. 21, 1998

VOICES OF THE CIVIL RIGHTS MOVEMENT. *Carlotta Walls LaNier of the Little Rock Nine*. YouTube. 22.02.2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sLN-UhaJzGQ&ab_channel=VoicesoftheCivilRightsMovement. Acesso em: 06 jul. 2023.

VOICES OF THE CIVIL RIGHTS MOVEMENT. *Ernest Green of the Little Rock Nine*. YouTube. 02.11.2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oYFEAGuqhC4&ab_channel=VoicesoftheCivilRightsMovement. Acesso em: 11 jul. 2023.

WALLS LANIER, Carlotta. *A Mighty Long Way: My Journey to Justice at Little Rock Central High School*. New York, One World, 2010.

YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. *Hannah Arendt: Leben Werk und Zeit*. 3. Aufl. Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 2013.